

PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

Texto 1

As concepções da verdade

Nossa ideia da verdade foi construída ao longo dos séculos, a partir de três concepções diferentes, vindas da língua grega, da latina e da hebraica.

Em grego, verdade se diz *aletheia*, significando não-oculto, não-escondido, não dissimulado. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro é o evidente ou plenamente visível para a razão.

Assim, a verdade é uma qualidade das próprias coisas e o verdadeiro está nas próprias coisas. Conhecer é ver e dizer a verdade que está na própria realidade e, portanto, a verdade depende de que a realidade se manifeste, enquanto a falsidade depende de que ela se esconda ou se dissimule em aparências.

Em latim, a verdade se diz *veritas* e se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz, com detalhes, pormenores e fidelidade, o que aconteceu. Verdadeiro se refere, portanto, à linguagem enquanto narrativa de fatos acontecidos, refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais.

A verdade depende, por um lado, da veracidade, da memória e da acuidade mental de quem fala e, por outro, de que o enunciado corresponda aos fatos acontecidos. A verdade não se refere às próprias coisas e aos próprios fatos (como acontece com a *aletheia*), mas ao relato e ao enunciado, à linguagem. Seu oposto, portanto, é a mentira ou a falsificação. As coisas e os fatos ou são reais ou imaginários; os relatos e enunciados sobre eles é que são verdadeiros ou falsos.

Em hebraico, verdade se diz *emunah* e significa confiança. Agora são as pessoas e é Deus quem são verdadeiros. Um Deus verdadeiro ou um amigo verdadeiro são aqueles que cumprem o que prometem, são fiéis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança.

A verdade se relaciona com a presença, com a espera de que aquilo que foi prometido ou pactuado irá cumprir-se ou acontecer. [...] A verdade é uma crença fundada na esperança e na confiança, referidas ao futuro, ao que será ou virá. Sua forma mais elevada é a revelação divina e sua expressão mais perfeita é a profecia.

Adaptado de CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 1999. p. 99

QUESTÃO 1 (2,0 PONTOS)

a) Sem copiar trechos do texto de Marilena Chaui, organize um parágrafo em que fique clara a distinção entre as três concepções de verdade apresentadas pela autora.

b) Efetuando as modificações necessárias, faça o que é solicitado em cada item a seguir:

i) Reescreva o trecho abaixo, sem o emprego da palavra que.

“Portanto, a verdade depende de que a realidade se manifeste, enquanto a falsidade depende de que ela se esconda ou se dissimule em aparências.”

ii) Reescreva a seguinte frase, substituindo quando por caso.

“Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia os fatos reais.”

QUESTÃO 2 (2,0 PONTOS)

a) Retire do Texto 1 dois trechos em que **verdadeiro** ilustra a ideia de que uma mesma forma pode pertencer a classes gramaticais distintas. A seguir, determine a classe da palavra em cada exemplo.

b) A conjunção **enquanto** foi usada duas vezes no Texto 1 – no terceiro e quarto parágrafos – com valor distinto. Determine o valor semântico que ela assume em cada um desses empregos.

Texto 2

CAPÍTULO 1

Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas Memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

(...)

Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma. Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008, p.41-43.

QUESTÃO 3 (2,0 PONTOS)

A obsessão por retratar a realidade marcou hegemonicamente a prosa brasileira do final do século XIX. A maioria dos escritores desse período defendia a ideia de que a missão da literatura era compreender e explicar a verdade dos fatos, o comportamento das personagens e os conflitos sociais. A partir do que foi afirmado anteriormente e da leitura do texto 2, comente a opção de Machado de Assis por uma narrativa distante do princípio da verossimilhança.

QUESTÃO 4 (2,0 PONTOS)

Um dos tópicos mais representativos da prosa moderna refere-se à proposta de refletir criticamente sobre o próprio ato de escrever, transformando a narrativa em metaliteratura. Discuta a utilização de tal procedimento no texto de Machado de Assis e retire exemplos que justifiquem a sua resposta.

QUESTÃO 5 (2,0 PONTOS)

a) Observe a modificação proposta a seguir:

i) *“uma chuvinha miúda, triste e constante, (...), que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso (...).”*

ii) *“uma chuvinha miúda, triste e constante,(...), que levou um daqueles fiéis na última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso(...).”*

A substituição da preposição provocou mudanças estruturais e semânticas na frase. Comente essas mudanças.

b) As formas pronominais átonas de 3ª pessoa – **lhe** e **o** – distinguem-se pelo critério sintático. Estabeleça a diferença entre os dois pronomes, com base nas ocorrências seguintes.

“Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.”

REDAÇÃO

Autocrítica e autoconhecimento: caminhos para o outro

Formule um texto (de 20 a 25 linhas) que possa ter o título acima – “Autocrítica e autoconhecimento: caminhos para o outro” –, dissertando a respeito da questão do etnocentrismo na cultura ocidental. Serão valorizadas a coerência, a coesão e a correção de sua escrita. Os trechos a seguir devem ser citados, em seu texto, acompanhados, obrigatoriamente, da menção às devidas fontes (nome do autor e título da obra). **NÃO ASSINE.**

Texto 1

O que é etnocentrismo

Etnocentrismo é uma visão do mundo na qual o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como o fato de sentirmos estranheza, medo, hostilidade, etc. [...] Esse problema não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade..

Como uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica, temos a experiência de um choque cultural. De um lado, está “um grupo do eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, distribui o poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí, então, de repente, nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou, quando as faz, é de forma tal que não as reconhecemos como possíveis. Mais grave ainda: esse “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta do seu jeito de viver, também está no mundo e, ainda que diferente de nós, também existe. [...]

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente, se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Esse processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo. No limite, algumas sociedades chamam-se por nomes que querem dizer “perfeitos”, “excelentes” ou, muito simplesmente, “ser humano”; ao “outro”, ao estrangeiro, chamam, por vezes, de “macacos da terra” ou “ovos de piolho”. De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. É o espaço da natureza, cheio de selvagens, de bárbaros. Eles são estranhos para nós, pois, lá no fundo, embora não saibamos, somos nós mesmos.

Adaptado do livro *“O Que é Etnocentrismo”*, de **Everardo Rocha** (Brasiliense, 1984, p. 7-22)

Texto 2

Descoberta de novos mundos

O antropólogo americano Loren Eiseley (1907-1977) conta uma história que exprime um possível encontro com outras realidades em nossa rotina. Para Eiseley, descobrir outro mundo não é apenas um fato imaginário, mas algo fantástico que acontece aos homens e aos outros animais. Por vezes, as fronteiras entre distintos universos resvalam ou interpenetram-se: basta estar presente nesse momento. O antropólogo relata um fato que viu acontecer com um corvo: “Esse corvo é meu vizinho e eu nunca lhe fiz mal algum, mas ele tem o cuidado de se conservar no cimo das árvores, de voar alto e de evitar a humanidade. O seu mundo principia onde a minha vista acaba. Ora, uma manhã, os nossos campos estavam mergulhados num nevoeiro extraordinariamente espesso, e eu me dirigia às apalpadelas para a estação. Bruscamente, à altura dos meus olhos, surgiram duas asas negras, imensas, precedidas por um bico gigantesco, e tudo isso passou como um raio, soltando um grito de terror tal que eu faço votos para que nunca mais ouça coisa semelhante”. O grito não saiu da mente de Eiseley durante toda a tarde, tamanha foi a sua intensidade. Em virtude do denso nevoeiro, a fronteira entre o mundo do corvo e o

dele – um homem – resvalara, caíra, tombara. Aquele corvo, que achava estar voando à altitude habitual, tinha visto, subitamente, um espetáculo contrário, para ele, às leis da natureza: um homem caminhando no espaço, bem no centro do mundo dos corvos. A imensa ave tinha se deparado com a manifestação de estranheza mais completa que podia conceber. Na análise de Eiseley, o animal tinha visto, pela primeira vez, um fantástico homem voador: “Agora, quando me vê, lá do alto, solta pequenos gritos, nos quais reconheço a incerteza de um espírito cujo universo foi abalado. Já não é e nunca mais será como os outros corvos”. Ninguém permanece igual quando se depara com o mundo do “outro”.

Adaptado do livro “O Despertar dos Mágicos”, de **Louis Pauwels** (Tradução de Gina de Freitas para a editora Bertrand Brasil, 1998, p. 23-25)

Texto 3

Crítica é arma contra a desorientação

Os parâmetros de julgamento dependem de nossas raízes, de nossas preferências, de nossos hábitos, de nossas paixões, de um sistema de valores nosso. Por exemplo: será que julgamos ser um valor prolongar a média de expectativa de vida de 40 para 80 anos? Pessoalmente, acredito que sim, mas muitos místicos poderiam dizer-me que, entre um devasso que viveu 80 anos e São Luiz Gonzaga, que viveu 23, o segundo teve uma vida mais plena. Mas admitamos que o prolongamento da vida seja um valor: se fosse assim, a medicina e a ciência ocidentais certamente seriam superiores a muitos saberes e práticas médicas.

Acreditamos que o desenvolvimento tecnológico, a expansão dos comércios, a rapidez dos transportes sejam um valor? Muitíssimos pensam assim e têm o direito de julgar superior a nossa civilização tecnológica. Mas justo no interior do mundo ocidental há aqueles que consideram um valor fundamental uma vida em harmonia com um ambiente não corrompido e, por isso, estão preparados para renunciar a aviões, automóveis e geladeiras para confeccionar cestas e mover-se a pé de vilarejo em vilarejo, desde que não haja buraco na camada de ozônio. E, dessa forma, vejam que, para definir uma cultura como melhor do que a outra, não basta descrevê-la (como faz o antropólogo). É preciso referir-se a um sistema de valores aos quais pensamos não poder renunciar. Só então podemos dizer que a nossa cultura, para nós, é melhor.

O problema dos parâmetros não se coloca em chave histórica, mas, sim, em chave contemporânea. Uma das coisas louváveis das culturas ocidentais (livres e pluralistas, e esses são os valores que consideramos irrenunciáveis) é que perceberam há um bom tempo que a mesma pessoa pode ser levada a manobrar parâmetros diferentes e mutuamente contraditórios sobre questões diferentes. Por exemplo, considera-se um bem o prolongamento da vida e um mal a poluição atmosférica, mas sabemos bem que, para termos os laboratórios onde se estuda o prolongamento da vida, é preciso ter um sistema de comunicação e um fornecimento de energia que, possivelmente, por sua vez, produza poluição. A cultura ocidental elaborou a capacidade de desnudar livremente suas próprias contradições. Pode ser que não as resolva, mas sabe que existem e o diz. No fim das contas, todo o debate a favor e contra a globalização está aqui, com exceção dos fascistas, que destroem tudo: como é suportável uma cota de globalização positiva, evitando os riscos e as injustiças da globalização perversa, como se pode prolongar a vida mesmo dos milhões de africanos que morrem de Aids (e, ao mesmo tempo, alongar a nossa) sem aceitar uma economia planetária que faz com que os doentes de Aids morram de fome e com que nós engulamos comidas contaminadas? Mas justamente essa crítica dos parâmetros, que o Ocidente persegue e encoraja, nos faz entender como a questão dos parâmetros é delicada. É justo e civil proteger o sigilo bancário? Muitos consideram que sim. Mas e se esse sigilo permitir aos terroristas manter seu dinheiro na cidade de Londres? E então, a defesa da privacidade é um valor positivo ou dúbio? Nós colocamos nossos parâmetros continuamente em discussão. O mundo ocidental o faz a tal ponto que consente que os próprios cidadãos recusem como positivo o parâmetro de desenvolvimento tecnológico e se tornem budistas ou passem a viver em comunidades onde não se usam pneus, nem mesmo para as carroças a cavalo. A escola deve ensinar a analisar e a discutir os parâmetros sobre os quais se sustentam nossas afirmações passionais.

Adaptado do ensaio “Simplificação gera guerras santas”, de **Umberto Eco** (“Folha de S. Paulo”/“La Republica”, 07/10/2001, tradução de Gustavo Steinberg)

ESPAÑHOL

La escuela permeable

Fragmento adaptado del artículo publicado en el periódico El País (www.elpais.es). Escrito por Elisa Silió e Ivanna Vallespín el día 2 de abril de 2014.

- Las familias deben implicarse en la educación de sus hijos. Eso nadie lo duda y los estudios avalan la mejora de los resultados académicos cuando eso ocurre. Pero no todos los padres están animados a participar de la vida escolar, ni todos los centros abren sus puertas al exterior para que la formación de los niños fluya también de fuera a dentro. Se trata, dicen los especialistas, de fomentar las vías de participación y comunicación entre escuela y familias, mejorar la predisposición a colaborar de ambas partes y favorecer la conciliación laboral con el horario escolar, como principales medidas. Pero no es fácil, y cada vez que se menciona un problema educativo, como los malos resultados de los alumnos españoles en la prueba de resolución de problemas cotidianos, se desentierran las culpas. ¿Qué responsabilidad tienen las familias y cuánta los docentes?
- 5
- 10 “Tras unos años en que las familias casi eran apartadas de las escuelas porque se pensaba que la educación debía quedar solo en manos de expertos, ahora se ha pasado a implicarlas más en todo el proceso”, explica Ismael Palacín, director de la Fundación Jaume Bofill, experta en temas educativos. Y añade que “se ha pasado incluso a culpabilizarlas” de los malos resultados de los estudiantes.
- De la importancia de la implicación de las familias en el rendimiento de los estudiantes da cuenta el informe PISA 2009. En aquellos casos en que los padres leían a sus hijos a menudo durante el primer año de primaria, los adolescentes obtuvieron 25 puntos más de media que sus compañeros. Diferentes estudios coinciden en que los padres cada vez están más encima de los estudios. El 80% de los niños de primaria reciben ayuda y el 45% de los de secundaria, según la Encuesta sobre los hábitos de estudio de los niños españoles de TNS Demoscopia.
- 15
- 20 “Los padres están ahí. No es verdad que deleguen la responsabilidad en la escuela”, afirma tajante Marta Comas, antropóloga, educadora social y directora del estudio de la Fundación Jaume Bofill ¿Cómo participan madres y padres en la escuela?, realizado a partir de una encuesta a 1.500 familias catalanas con hijos de hasta 16 años. El informe revela que a más nivel formativo y más poder adquisitivo, las familias se implican más en todos los ámbitos. Mientras el 73% los padres con estudios primarios asisten a actividades de la escuela (fiestas o charlas) y el 23% participa activamente en las Asociaciones de madres y padres de alumnos, los porcentajes se elevan al 85% y 30% respectivamente cuando se poseen títulos universitarios.
- 25
- La implicación en el caso de familias monoparentales (por problemas de conciliación) y de inmigrantes es más reducida. En cuanto a este último colectivo, los expertos de la Bofill descartan el argumento de “choque cultural” para explicar su menor participación y lo justifican en la confluencia de elementos como el bajo nivel económico y formativo con una mayor probabilidad de movilidad o cambio de escuelas debido al trabajo de los padres. “Pero a iguales condiciones económicas y de movilidad entre inmigrantes y autóctonos, se igualan también los niveles de participación. El echar raíces y establecer lazos con la comunidad es clave para superar las barreras de participación”, apunta el informe.
- 30
- 35 Hay otros motivos, más relacionados con costumbres y hábitos. “Algunos padres desconocen hasta qué punto es correcto implicarse, hay miedo a invadir el terreno del profesorado. Y por parte de los maestros, hay miedo a que no sea respetado su criterio profesional”, señala Jordi Garreta, profesor de Sociología de la Educación en la Universidad de Lleida.
- 40 “Si el niño tiene problemas en la escuela y no se siente bien, no va a hacer nada por atraer a sus padres a ese entorno”, añade María Jesús Comellas, profesora del Departamento de Pedagogía Aplicada de la Universidad Autónoma de Barcelona. Para esta experta, a veces las propias escuelas levantan muros con actos tan visibles como no dejar que los padres pasen de la puerta principal, excepto en preescolar o para las fiestas. “Es una barrera simbólica y afectiva. Esto no ayuda para que los padres establezcan un vínculo con la escuela. A veces también falla la actitud, porque los profesores están a la defensiva”, tercia
- 45 Comellas, que apuesta por abrir nuevas vías de participación a las familias. Una actitud que choca si se

compara con Finlandia, por ejemplo, donde un contribuyente puede sentarse en una silla y seguir una clase para comprobar si su dinero se invierte bien.

50 “La relación con la escuela parece más cercana en primaria porque te acercas a buscarles, pero en realidad es tan opaca y cerrada como en secundaria. No sabes nada de la movilidad de la plantilla, del fracaso escolar...”, sostiene Isabel Ordaz, de la asociación Otra escuela es posible, que crearon hace seis años un grupo de padres en Madrid. “La educación de mis hijos es la misma que recibí yo. Memorizar y memorizar. Algo tiene que cambiar”, añade.

55 Muchos centros están rompiendo estos muros. En la escuela Els Encants de Barcelona realizan la que llaman entrada relajada. A las 9 de la mañana y durante media hora los padres pueden entrar en la clase. Durante este tiempo los profesores aprovechan para contactar individualmente con los padres y el alumno y mantienen una charla, por ejemplo, sobre cómo han pasado la noche. También se hace participar a los padres, invitándoles a que hagan alguna actividad relacionada con su profesión. “Si el padre es economista, puede llevar las cuentas. Si es jardinero, puede ocuparse de las plantas. Si es cocinero, que se encargue de la comida. Todos los padres deben aportar sus habilidades y capacidades, 60 sean cual sea su nivel formativo. Y la escuela deber saber darles valor y aprovecharlas”, apunta Comas.

65 “Los padres se desvinculan cuando los niños crecen y hay que decirles: ‘Oiga, que su hijo no es tan mayor, que está en una edad muy fastidiada y hay que estar pendiente de él’. Y lo que pasa es que al final, quien viene a hablar con el tutor es el padre del niño que va bien”, defiende al gremio José Antonio Martínez, director de la federación de directores de centros públicos. “Existen mecanismos en los centros para que los padres se informen. Por ejemplo, el programa educativo está en la web. Lo que no podemos es enfrentarnos profesores y padres”, añade.

70 Pero la crisis está demoliendo muchas de estas barreras mentales y costumbristas, dejando paso a una actitud más práctica y de convivencia ante las dificultades económicas. Se empezó por pequeños actos, como aunar esfuerzos para limpiar el colegio, darle una mano de pintura o arreglar desperfectos. Pero con el enquistamiento de la crisis y el empobrecimiento de muchas familias, las asociaciones de padres y madres de alumnos, a pesar de haber perdido la mayoría de las subvenciones públicas, están organizándose para facilitar libros de texto, becas de comedor o incluso ropa de abrigo para las más necesitadas.

75 A la hora de hacer los deberes, la implicación de los padres varía. Se vuelcan al comienzo; lo hacen un 88% de padres con hijos en los dos primeros cursos de primaria. Este porcentaje retrocede hasta el 60% al final de este ciclo. En cambio, al acabar la ESO (Escuela Secundaria Obligatoria) solo un 26% ayuda siempre a su hijo. “A lo mejor piensan que ya son más autónomos, pero posiblemente haría falta una mayor supervisión”, apuesta Comas. “La ayuda no tiene que centrarse en los contenidos, sino en la gestión del tiempo, en el interés por lo que sucede en la escuela, en la supervisión de la realización de los deberes...”, remacha el filósofo José Antonio Marina, presidente de la fundación Universidad de Padres.

80 Pero, ¿qué papel educativo juega la escuela y cuál la familia? Comellas define los cometidos: “Los maestros son los especialistas del aprendizaje, tienen unos conocimientos que muchas familias no poseen. La escuela también es el núcleo de desarrollo social y afectivo. La familia debe aportar estos vínculos afectivos y enseñar los quehaceres de la vida cotidiana. Enseñar a poner una lavadora o coger un metro es trabajo de los padres, no de la escuela”. Pero esta experta destaca un “espacio común” entre 85 ambos lugares, en el que “se ayude al niño a madurar, a hacerlo autónomo y enseñarle a espabilarse”.

90 “La educación camina sobre dos patas: la instrucción y la formación de la personalidad. De la instrucción se ocupa la escuela, de la formación de la personalidad, los dos”, opina Marina. “Y cuando los padres se retiran de estas funciones, los docentes deben compensarlo. Somos los grandes cuidadores de la infancia y de la adolescencia”.



Questão 1 El objetivo del artículo es

- aconsejar a los padres sobre cuál es la mejor manera de preparar a sus hijos para los exámenes y sobre los hábitos de estudio adecuados para tener éxito.
- evaluar el desempeño escolar de los estudiantes españoles primarios y secundarios.
- criticar los métodos de enseñanza actuales de los centros educativos españoles.
- reflexionar sobre el proceso de cambio que atraviesa la educación española buscando más participación y colaboración del núcleo familiar.
- comparar la educación en familias autóctonas y familias inmigrantes en España enfatizando el desafío que significa la integración cultural.

Questão 2 El título "La escuela permeable" se refiere a la idea central del artículo que es

- la relación entre la escuela primaria y secundaria del sistema educativo español.
- la relación entre los docentes y los estudiantes durante el proceso educativo como un todo.
- la relación entre los contenidos enseñados en el sistema educativo español y lo que pide el mercado de trabajo en la actualidad.
- la relación de los padres con el proceso de aprendizaje de sus hijos y con la institución escolar.
- la relación entre la lectura de los padres a sus hijos durante el primer año de primaria y la mejora en el rendimiento escolar de éstos.

Questão 3 Señala la única afirmación que NO se adecua a lo que éste expresa:

- Los estudiantes tienen un mejor desempeño escolar cuando los padres se involucran en el proceso de aprendizaje.
- Las escuelas finlandesas no ponen ninguna barrera para que las personas externas a la institución entren en sus salas y observen el desarrollo de sus actividades.
- La crisis económica ha ayudado a estrechar los vínculos entre institución escolar y la comunidad de padres.
- Las familias inmigrantes que aún no han establecido lazos con la comunidad tienen una menor participación en la educación de sus hijos que las familias locales.
- Los centros educativos siempre han pensado que la educación no es responsabilidad absoluta de los profesores y han integrado al núcleo familiar.

Questão 4 Marque la única alternativa donde la correspondencia semántica NO está correcta:

a) "...Eso <u>nadie</u> lo duda..." (línea 1)	Ninguna persona.
b) "... <u>Memorizar</u> y memorizar..." (líneas 51-52)	Recordar, retener, fijar en la memoria.
c) "...los padres cada vez están más <u>encima</u> de los estudios..." (línea 17)	En un lugar o puesto superior respecto de otro inferior.
d) "...El <u> echar raíces</u> y establecer lazos..." (línea 33)	Afincarse o establecerse en un lugar.
e) "...la movilidad de <u>la plantilla</u> "(línea 49)	Conjunto de empleados.



Questão 5 En el fragmento: "Se trata, dicen los especialistas, de fomentar las vías de participación y comunicación entre escuela y familias, mejorar la predisposición a colaborar de ambas partes y favorecer la conciliación laboral con el horario escolar, como principales medidas. **Pero** no es fácil..." (líneas 4-7). La conjunción en negrita "Pero" puede ser reemplazada por

- a) Sin embargo
- b) Por lo tanto
- c) Y
- d) Entonces
- e) Asimismo

Questão 6 Lee las afirmaciones que siguen:

- I) En Barcelona los padres participan desde su profesión en las actividades escolares.
- II) Los padres dejan de prestar atención en el proceso educativo a medida que los niños se van haciendo mayores.
- III) El choque cultural es la causa principal de la falta de participación en la educación de los hijos de las familias inmigrantes.
- IV) Enseñar a los estudiantes a manejar artículos electrodomésticos es una responsabilidad de la escuela.

A partir de lo que se dice en el texto son verdaderas:

- a) I y III
- b) I y II
- c) II y III
- d) I y IV
- e) II y IV

Questão 7 Señale la alternativa en que la palabra entre paréntesis NO se corresponde semánticamente con la palabra subrayada.

- a) "... la educación debía quedar solo en manos de expertos" (línea 11, *especialista*)
- b) "... Algo tiene que cambiar", añade." (línea 52, *agrega*)
- c) "... La escuela también es el núcleo de desarrollo social" (línea 83, *crecimiento*)
- d) "... coger un metro" (líneas 84-85, *tomar*)
- e) "... si su dinero se invierte bien" (línea 47, *se altera*)

Questão 8 Según el artículo la participación de los padres en la educación de sus hijos aumenta cuando

- a) las familias tienen más dinero y más educación.
- b) se trata de familias monoparentales.
- c) la escuela tiene un sistema de tutoría.
- d) se atraviesa una época de prosperidad económica.
- e) los progenitores integran las asociaciones de padres y madres de alumnos.



Questão 9 Marca el enunciado cuya referencia esté **correcta**.

- a) En "Eso nadie **lo** duda" (línea 1), "**lo**" se refiere a "nadie".
- b) En "Se empezó por pequeños actos, como aunar esfuerzos para limpiar el colegio, **darle** una mano de pintura o arreglar desperfectos" (líneas 68-69), "**le**" se refiere a "colegio".
- c) En "Tras unos años en que las familias casi eran apartadas de las escuelas porque se pensaba que la educación debía quedar solo en manos de expertos, ahora se ha pasado a implicar**las** más en todo el proceso" (líneas 10-12), "**las**" se refiere a "escuelas".
- d) En "Todos los padres deben aportar sus habilidades y capacidades, sean cual sea su nivel formativo. Y la escuela deber saber darles valor y aprovechar**las**" (líneas 59-60), "**las**" se refiere a "padres".
- e) En "Los padres se desvinculan cuando los niños crecen y hay que decir**les**: 'Oiga, que su hijo no es tan mayor, que está en una edad muy fastidiada y hay que estar pendiente de él'" (líneas 61-62), "**les**" se refiere a "niños".

Questão 10 En la oración "Enseñar a **poner** una lavadora" (línea 84), el verbo "poner" puede ser reemplazado por

- a) apagar
- b) limpiar
- c) encender
- d) cerrar
- e) oler



INGLÊS

BLUEBERRIES: ONE OF NATURE'S BEST FOODS

Native to North America, blueberries have been part of the human diet for more than 13,000 years, long before being formally recognized for their healthy and anti-cancer effects. Blueberries are among the best foods you can eat, and I recommend eating them every day. I have created easy healthy recipes, diet recipes, smoothie recipes – using blueberries, soy milk, ground flax seed, and other natural foods – that give my patients a variety of ways to enjoy this wonderful fruit.

Since blueberries contain flavonoids and other specific phytochemicals that help protect against vascular instability, I instruct my diabetes and heart disease patients to eat fresh blueberries every day and to eat frozen blueberries in the wintertime.

In general, my food recommendations are based on the nutrient per calorie ratio in a particular food. More precisely, I am concerned with a food's micro nutrient per macro nutrient ratio. There are three macro nutrients – fat, carbohydrate and protein. All foods contain some mix of all three. Macro nutrients are the source of all calories.

One cup of blueberries contain 80 calories and a whole pint gives you about 225 calories. Like all other foods, the calories in blueberries come from its macro nutrients – 56 grams of carbohydrate, 1.5 grams of fat and 2.7 grams of protein. But it is blueberries' micro nutrient content that packs the most impressive wallop. Blueberries are packed with tannins, anthocyanins that have been linked to prevention – and even reversal – of age related mental decline and anti-cancer effects.

Blueberries are the only food so far that has been shown not just to prevent, but actually to reverse abnormal physical and mental decline, including coordination and balance, in aged animals. The flavonoids in blueberries – catechin, epicatechin, myricetin, quercetin, ankaempferol – are a mouthful of strangely spelled words, but more importantly, they are extremely valuable for superior health. And remember, **phytochemicals** are not optional nutrients; they are essential for normal function of your immune system.

Slightly adapted from <http://www.drfuhrman.com/library/article12.aspx>

Questão 1 The main purpose of the text is:

- a) to show how carbohydrates can be hazardous to one's health.
- b) to defend the idea that people with diabetes should not eat blueberries.
- c) to demonstrate how healthier we can get by adding blueberries to our regular diet.
- d) to argue that blueberries do not prevent physical nor mental decline as we grow older.
- e) to attack the idea that blueberries help us fight against cancer effects.

Questão 2 By the first paragraph of the text (lines 1-5), one can already infer the profession of its author. We can say that the author is:

- a) a psychologist.
- b) a doctor.
- c) an archeologist.
- d) a farmer.
- e) a cook.



Questão 3 The word "since" in "Since blueberries contain" (line 6) introduces an idea of:

- a) contrast.
- b) addition.
- c) reason.
- d) consequence.
- e) sequence of time.

Questão 4 In the third paragraph of the text, (lines 10-12), the author states that his main concern is with:

- a) the amount of calories his patients ingest.
- b) the presence of the three macro nutrients in food.
- c) micro nutrient per macro nutrient ratio in a specific food.
- d) how much fat is present in a food.
- e) the amount of protein present in blueberries.

Questão 5 In the sentence "Macro nutrients are the source of all calories." (line 11), "the source" means:

- a) the reference.
- b) the cause.
- c) the origin.
- d) the reservoir.
- e) the fountain.

Questão 6 In the sentence "But it is blueberries' micro nutrient content that packs the most impressive wallop." (lines 15-16), the word "wallop" could be replaced by:

- a) effect.
- b) package.
- c) punch.
- d) kick.
- e) sound.

Questão 7 In the fragment "Blueberries are packed with tannins, anthocyanins that have been linked to prevention — and even reversal — of age related mental decline and anti-cancer effects." "prevention" (line 18) is to "prevent" as:

- a) "recognized" (line 2) is to "recognizing".
- b) "enjoy" (line 5.) is to "enjoyable".
- c) "frozen" (line 8) is to "freeze".
- d) "reversal" (line 18) is to "reverse".
- e) "including" (line 19) is to "include".



Questão 8 In the fragment “they are essential for normal function of your immune system” (lines 22-23), the pronoun **they** refers to:

- a) flavonoids.
- b) blueberries.
- c) immune system.
- d) strangely spelled words.
- e) phytochemicals.

Questão 9 As regards to the audience, the author is addressing the text to:

- a) sick people only.
- b) elderly people only.
- c) adolescents only.
- d) vegetarians only.
- e) the general public.

Questão 10 Based on the tone of the text, which of the following words best describes the author’s attitude towards eating blueberries?

- a) Humorous.
- b) Encouraging.
- c) Authoritative.
- d) Worried.
- e) Pessimistic.